

Os efeitos da confiança dos agentes na economia

Délis Magalhães

Pesquisadora do Núcleo de Economia do Sincomércio em parceria com Núcleo de Extensão em Conjuntura e Estudos Econômicos (NECEE) / UNESP-Araraquara.

A economia brasileira atualmente encontra-se em crise. A opinião dos economistas diverge em relação aos principais motivos que levaram o país para baixo, mas há certo consenso em dizer que o aprofundamento desse cenário se deu em uma crise de confiança dos agentes na economia. A confiança é um elemento fundamental para determinar as ações dos agentes, em conjunto com outros fatores, principalmente em relação às variáveis de consumo e investimento. Se consumidores ou empresários não estiverem confiantes de que o país se enquadra em um bom cenário econômico, dando possibilidades de crescimento de renda e receita, eles não irão optar por consumir ou investir, mas sim por manterem-se cautelosos.

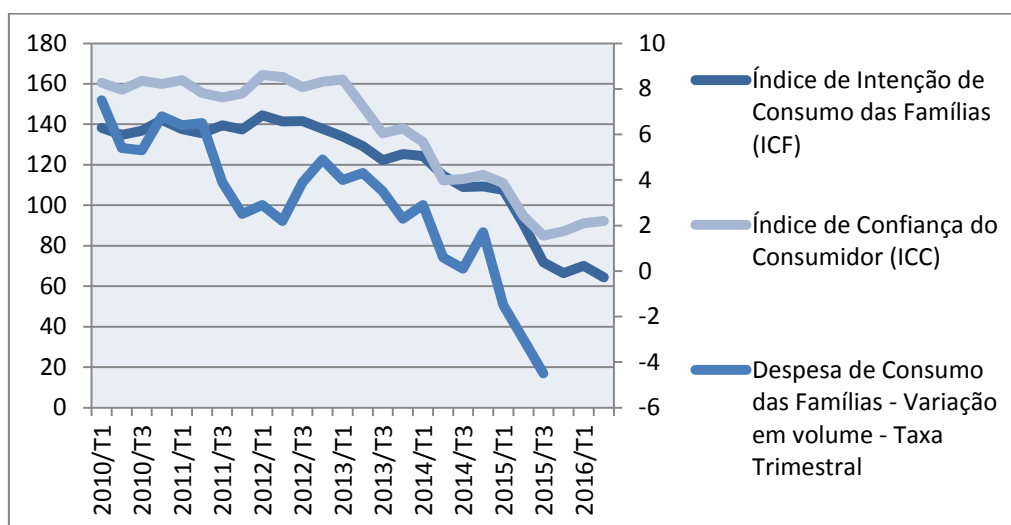
A confiança dos agentes também tem uma íntima relação com as expectativas, que são nada mais do que previsões futuras sobre o bem estar do cenário econômico que conduzirão as ações do empresário e do consumidor. Os agentes buscam sempre a estabilidade e a menor possibilidade de risco em suas ações, ou seja, para sentirem-se seguros precisam dispor de informações relevantes sobre as variáveis econômicas e sobre o movimento das mesmas no futuro. Confiança e expectativas andam juntas, uma vez que se os agentes não estão confiantes no presente, é muito provável que suas expectativas para o futuro não sejam agradáveis. Conforme já havia registrado Keynes, em estudos anteriores, o chamado “estado de confiança” é fundamental na formação de expectativas para as decisões futuras. Os empresários devem confiar em suas próprias expectativas, pois como a maioria de investimentos se concretiza no longo prazo, é necessário que eles permaneçam otimistas para a confirmação de suas vantagens.

Porém, como mensurar algo tão subjetivo como a confiança dos agentes? A melhor opção encontrada foi o desenvolvimento dos chamados índices de confiança, extremamente difundidos atualmente nos meios econômicos. Diversas entidades realizaram, de acordo com suas próprias metodologias, formas de mensurar e criar um índice de confiança capaz de captar a opinião do empresariado ou do consumidor

sobre as variáveis econômicas. Esses índices examinam tendências econômicas, ou seja, quando o índice de confiança entra em declínio, indica grandes possibilidades da atividade avaliada também entrar em declínio. Porém, esses índices realmente registram uma tendência verdadeira? São realmente condizentes com o que ocorre no ambiente econômico?

Analisando a confiança do consumidor, percebemos a partir do gráfico abaixo a deterioração da confiança e consequente deterioração das despesas em consumo. O consumo dos agentes está fortemente ligado a sua renda disponível e à taxa de juros, ou seja, esses dois fatores nos levam a importantes aspectos econômicos: o desemprego e o acesso ao crédito. Visto que atualmente, temos uma taxa muito elevada de desemprego e altas taxas de juros que dificultam o acesso ao crédito, é evidente o movimento de queda que está evidenciado no gráfico abaixo. Apesar da confiança do consumidor ter tido uma leve melhora no segundo trimestre de 2016, a recuperação do consumo é mais lenta.

Gráfico 1 – Indicadores de Consumo das Famílias



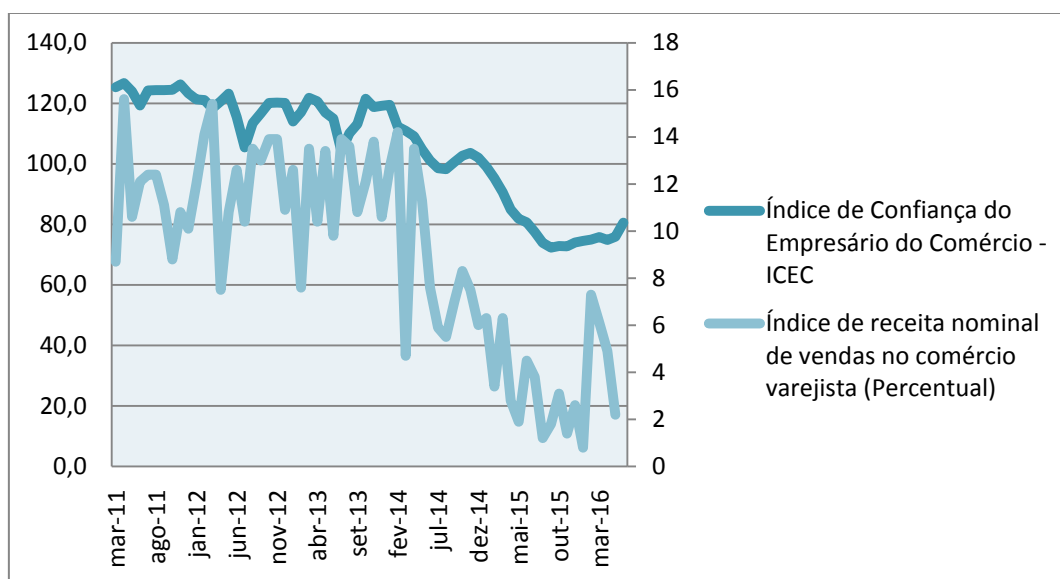
Fonte: Elaboração Sincomércio com dados do IBGE e Fecomércio-SP.

Como principais impactos desse fato, temos uma quebra no ciclo produtivo uma vez que o produto final não está sendo consumido como antes. O setor de Serviços e de Varejo são os primeiros a sofrerem com a queda do consumo, uma vez que são setores que atuam em contato direto com o consumidor. Mas logo os outros setores também sentem os problemas da baixa demanda, iniciando um problema cíclico.

Outro índice muito importante utilizado como indicativo da atividade econômica é a confiança do empresário na economia. A Federação do Comércio de São Paulo produz o ICEC (Índice de Confiança do Empresário do Comércio) a partir de informações sobre as percepções dos empresários em relação às condições econômicas, seu setor de atuação e sua empresa. As principais perguntas envolvem as perspectivas de investimento, contratação de empregados e situação dos estoques.

Analisando o gráfico abaixo, o ICEC vem mostrando uma trajetória de deterioração, assim como o Índice de Receita Nominal de Vendas no Varejo. Os empresários demonstram certo receio em investir na expansão do negócio, visto que as vendas não caminham numa direção positiva. Esse fato se deve em muito à queda de consumo das famílias, fazendo com que muitos empresários acabem por demitir funcionários para manterem certa margem de lucro, e o quadro cíclico de desemprego, queda de consumo e desaceleração da atividade econômica acaba sendo agravado.

Gráfico 2 – Indicadores do Comércio Varejista



Fonte: Elaboração Sincomércio com base em dados da Fecomércio-SP e Banco Sidra, IBGE.

Portanto, podemos concluir que os índices de confiança, apesar de sua subjetividade, retratam uma realidade econômica atual. Os agentes econômicos perderam sua confiança na economia, reproduzindo expectativas ruins em seus planos futuros de ações. É necessário que as autoridades econômicas e políticas tenham transparência em suas ações futuras, tentando resgatar a confiança dos agentes no ambiente econômico e mudar suas expectativas para o futuro.